

Alberto Caeiro

**XLIX — Meto-me para dentro, e fecho a janela.**

XLIX

Meto-me para dentro, e fecho a janela.  
Trazem o candeeiro e dão as boas-noites.  
E a minha voz contente dá as boas-noites.  
Oxalá a minha vida seja sempre isto:  
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,  
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,  
A tarde suave e os ranchos que passam  
Fitados com interesse da janela,  
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,  
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,  
Sem ler nada, sem pensar em nada, nem dormir,  
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito,  
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

s. d.

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993): 72.

“O Guardador de Rebanhos”. 1ª publ. in **Athena**, nº 4. Lisboa: Jan. 1925.